

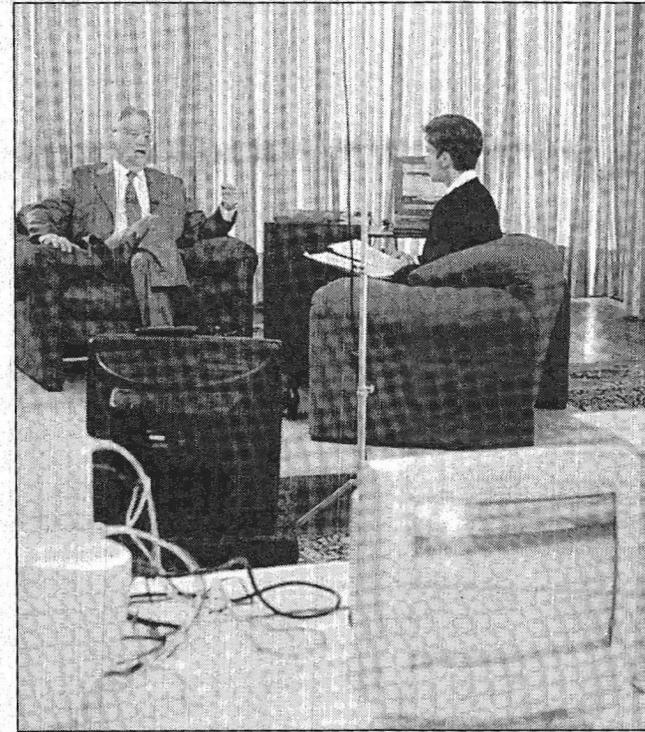
# Profissional é a polícia

## FHC volta a descartar utilização de militares no combate à violência urbana

**DURANTE QUASE DUAS HORAS, PRESIDENTE RESPONDEU PERGUNTAS PELA INTERNET**

O presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a criticar o uso das Forças Armadas no combate à violência, ao responder uma pergunta da internauta Rita de Cássia Braghetti, de 35 anos, durante uma entrevista organizada pelos portais Estadão e Terra. "Algumas pessoas mais precipitadas dizem: põe o Exército para tomar conta de segurança pública. O Exército é composto de recrutas, rapazes de 17, 18 anos, sem preparo nesse tipo de coisas", afirmou. Para ele, o Exército não é composto por profissionais. "Profissional é a polícia", disse.

Para o presidente não faz sentido preparar os soldados para o combate ao crime nas cidade. "Se houver uma força dessas preparada, o que se faz com a Polícia, que é maior, muito maior do que as Forças Armadas em número de gente que pode ir para a rua? O que se faz com ela? Não é próprio", afirmou. Fernando Henrique lembrou que o Brasil tem problemas de fronteira e, por isso, o Brasil precisa "ter certa projeção de poder na América do Sul, porque, em última instância, precisa defender os poderes constitucionais".



RICARDO GIUSTI/AE

**EM sua primeira entrevista na Internet, que contou com a participação de mais de 20 mil internautas, FHC recebeu 7.959 perguntas**

Ele lembrou da ação do Exército no Rio, destacando que o problema do narcotráfico não foi resolvido com a ocupação. "Puseram para subir o morro do Rio. Sob o morro e o que aconteceu depois? Nada. Nem se pegou o "coração" do crime organizado, que são os banqueiros do crime, os grandes negociantes do narcotráfico, o contrabando e se pegou uma porção de "pés-de-chinelo", que ficam ali levando droga para lá e para cá", afirmou. Segundo Fernando Henrique Cardoso, o Exército "é para ajudar no controle da fronteira, na informação de inteligência, no controle aéreo, e, se for o caso, em casos graves.

O presidente disse ainda que a "questão da segurança do cidadão hoje, constituio-

nalmente, é afeta aos governos estaduais, que dispõem da Polícia Civil, Polícia Militar e dos meios para assegurar o cidadão". Para ele, "há um esforço grande de alguns governos", como São Paulo e Rio de Janeiro, no combate ao crime.

O presidente voltou a dizer que o combate ao narcotráfico é da competência da Polícia Federal, mas negou a possibilidade de a PF fazer o policiamento nas ruas. "A Polícia Federal dispõe de 7 mil homens. Você imagina se eu for dizer à Polícia Federal tomar conta da violência na rua? É inviável, porque são 7 mil homens especializados", justificou.

Outro tema que também mereceu muita atenção dos internautas e dos jornalistas, durante conversa com o pre-

sidente Fernando Henrique Cardoso pela Internet, foi a onda de protestos no País, como os do Movimento do Sem-Terra, dos índios, dos professores e dos servidores públicos em geral, que acabou em incidente com o governador de São Paulo, Mário Covas, e com o ministro José Serra. O presidente reconheceu que os atos têm ligação com questões sociais, embora tenha ressaltado que há interesse político-eleitoral. "Mesmo quando o ato é político, ele é social também, tem uma base social", disse, recordando que sempre assistiu a protestos durante suas viagens pelo País.

"Uma vez, fui a Pernambuco. A praça lá em frente era um fogaréu. Pegaram pneus e queimaram. Havia

sempre bandeiras vermelhas e palavras de ordem. Eu tinha acabado de ser eleito, estava com muita popularidade, como a mantive no primeiro mandato praticamente inteiro, e nunca deixou de haver protestos, sempre houve protestos", disse.

O presidente afirmou que não quer a Lei de Segurança Nacional, mas classificou de "uma covardia pegar um ovo e jogar". Para o presidente, a atenção a este tipo de manifestação é perigoso para a democracia. "Na medida em que isso chama a atenção e nos dá uma revolta - isto está errado, vocês estão minando a democracia -, na medida em que não há essa revolta, fica uma festa, mas essa festa quem paga é a democracia", alertou.